



ANÁLISE HISTÓRICA DO APOCALIPSE DE JÃO

DÉBORA FERREIRA DE OLIVEIRA¹

ALEXANDRE PIEREZAN²

Introdução

Quando falamos em Apocalipse nos vêm em mente a ideia da destruição do mundo e o fim da existência de homens e mulheres, por meio de catástrofes das mais imagináveis possíveis. Esses motivos nos levaram escolher o livro bíblico de Apocalipse escrito por João como fonte de pesquisa, o que também teve grande influência é o contato que podemos ter com o mesmo, que é de fácil acesso e a sua repercussão ainda intensa nos dias atuais. Compreenderemos como essa crença se perpetua desde a Antiguidade Tardia, período em que o livro bíblico de Apocalipse foi escrito, passando por uma significativa repercussão durante a Idade Média.

Gostaremos de informar desde início, que nossa intenção não é tentar apresentar os símbolos e as possíveis interpretações do livro de Apocalipse, objetivamos, por meio das informações aqui expressas, trazer uma apresentação do livro, discorrer sobre a influência que seus escritos exerceram na forte manutenção da crença na salvação da alma, observando como ficou forte a ideia de que o mundo terá um fim. Objetivamos situar um possível leitor do livro a contextualizar-se historicamente, o mesmo é considerado o de mais difícil interpretação do Novo Testamento³.

Veremos como a Igreja Católica Apostólica Romana⁴ contribuiu para propagar ainda mais essa crença de fim do mundo. Observaremos o ambiente histórico de fortes perseguições e violências contra a Igreja nascente, e como a instituição se tornou tão poderosa a ponto de

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campus de Nova Andradina (CPNA). deborahferreira54@hotmail.com.

² Doutor em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal Fluminense, Atualmente é associado I da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina (CPNA).

³ Desde sua compilação a Bíblia utilizada pelos seguidores do cristianismo é dividida pelo Antigo Testamento e Novo Testamento, para facilitar o entendimento, o Novo Testamento começa com o nascimento de Jesus, sendo assim, o livro de Apocalipse foi escrito depois de Cristo.

⁴ A igreja católica foi fundada oficialmente no Concílio de Nicéia no ano de 325 d.C.



controlar a vida das pessoas, tornando os clérigos elemento fundamental para ascensão do poder da Igreja da Idade Média, como nos diz o historiador medievalista Jacques Le Goff, “falar de ‘clérigos’” seria insuficiente. O termo indica muitas vezes espécies de eruditos, sacerdotes ou não na maioria das vezes pessoas que ensinam.”(LE GOFF, 2008, p. 104)

Utilizamos como fonte de pesquisa duas Bíblias, a fim de buscar diferentes visões de um mesmo texto. Esse material é de estudos, pois o que muda nas mesmas são algumas palavras na tradução e na edição. O conteúdo do livro de Apocalipse se mantém, e a diferenciação encontra-se nos estudos. Para facilitar a compreensão, dividimos o artigo em duas partes: a primeira referente ao livro de João trazendo a contextualização do período histórico em que foi escrito, e a segunda parte refere-se à sociedade medieval, no qual evidenciaremos o impacto da crença da salvação.

1. O livro de João

O autor do livro de Apocalipse, João, segundo relatos bíblicos, foi na época o último apóstolo vivo, que ensinou a fé cristã por onde passou. Foi perseguido por questões políticas e religiosas, e, segundo o que consta nas páginas de seu livro autoral, ao ser preso foi enviado para ser exilado na Ilha de Patmos, na Grécia: “[...] eu, João, que também sou vosso irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada de Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo”(Apocalipse, 1: 9). Evidencia-se nesse relato, o objetivo de João em transmitir para os cristãos de sua época, suas aflições e sofrimentos causados pela perseguição religiosa de sua fé cristã. Apesar de preso, ele mostrou que não seria a prisão ou perseguições que acabaria com sua fé, e mesmo diante da possibilidade de morte ele continuaria defendendo o que acreditava.

O livro profético de Apocalipse (apocalipse deriva da palavra grega *apokalupsis*, traduzida por “revelação”), segundo consta em suas páginas, foi escrito por meio de revelações que João teve durante o tempo que ficou exilado na ilha de Patmos: “Revelações de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer, e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo” (Apocalipse, 1: 9). Essa explicação se encontra no início do livro. A partir do primeiro contato do leitor com o



livro, o mesmo saberá que entrará em uma leitura cujo autor, João, teve visões da parte de um ser sobrenatural que lhe revelou o futuro. Assim, o último apóstolo não se preocupou em explicar nas páginas de seu livro, a tradução dos símbolos em sua totalidade. Não podemos afirmar se João detinha o conhecimento para decodificar os símbolos expressos em sua obra. Como foi esclarecido, João escreveu apenas o que lhe foi notificado, ou seja, foi mandado a registrar o que para ele estava sendo revelado, e por isso não temos na leitura de sua obra, a descrição detalhada e explicativa de cada evento narrado.

O livro de Apocalipse foi escrito por volta do ano 95 (d.C) no século I da era Cristã, no fim do reinado de Domiciano, Imperador romano (81-96 d.C)⁵. Cabe ressaltar que Domiciano foi um dos imperadores romanos que também perseguiu os cristãos de sua época.

O Cristianismo estava em seus anos iniciais, e apesar das grandes perseguições e adversidades, novos cristãos surgiram, e com a fé cristã, constituíram um importante espaço religioso que, aos poucos, sufocou as religiões pagãs greco-romanas, como demonstrou Le Goff: “O grande acontecimento da Antiguidade Tardia, do ponto de vista do dogma religioso, foi a substituição do politeísmo pagão pelo monoteísmo [...]” (LE GOFF, 2013, p.117).

A essência religiosa que marcou o período mencionado, também gerou na sociedade da época uma mentalidade distinta, ao mesmo tempo similar a dos dias atuais. Discorrer sobre mentalidade é delicado, pois com apresentou Hilário Franco Júnior (1991, p.25) ela possui um ritmo histórico muito mais lento que os fatos sociais, econômicos ou políticos. Nesse caso, nos deparamos com uma sociedade que traz consigo uma ideia de que o mundo terá seu fim e que todos os sofrimentos se acabarão com o advento da vida eterna. Podemos concluir que o mais importante para essa sociedade era viver de forma que a salvação fosse alcançada: “Na ideologia cristã, os bons (cristãos) iam para o céu, protegidos de Deus; e os maus (pagãos), para o inferno, protegidos do diabo” (BORGES, 2013, p. 45). Esses são alguns dos componentes que explicam como uma parcela considerável da sociedade que foi esfolada viva, perseguida e presa, ainda tiveram forças para defender a fé cristã.

Como mencionado anteriormente, o livro de Apocalipse tem sua mensagem escrita por meio de símbolos de realidades. Encontramos um estudo na bíblia de Jerusalém⁶ que nos

⁵ Informação obtida por meio da bíblia de Estudo Pentecostal (Bíblia com diversos temas de estudos, usada nas igrejas evangélicas).



ajuda a entender essa complexidade dos símbolos expostos no livro sagrado: “[...] para entendê-lo devemos aprender a sua técnica e retraduzir em idéias os símbolos que o livro de Apocalipse propõe, sob pena de falsificar o sentido de sua mensagem” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 2139). Deste modo, sempre que alguém se propõe a interpretar os símbolos que o livro oferece, pode estar falsificando o sentido de sua mensagem. Segundo estudiosos das escrituras sagradas, o livro de Apocalipse contém respostas de muitas profecias bíblicas relatadas em diferentes textos religiosos que formam o conjunto da Obra de Deus. Como exemplo, o livro de Daniel também contém muitas profecias, símbolos⁷ e profecias escritas em tempos anteriores que se cumpriram ou se renovaram nos relatos do livro de Apocalipse.

O escritor médico e químico Petr Melnikov, ao realizar uma pesquisa sobre João e o livro de Apocalipse, apresentou a seguinte informação: “[...] A propósito, o apocalipse pode ser considerado como Epístola para as sete igrejas da Ásia Menor” (MELNIKOV, 2010, p.106). Encontramos também um estudo bíblico que realizou um resumo sobre as mensagens que o livro de Apocalipse transmite e os seus propósitos:

As cartas às sete igrejas da Ásia menor, tendo em vista as perseguições do imperador. O livro de apocalipse foi enviado às igrejas para fortalecer a fé, a fidelidade a Cristo enfim para serem fiéis mesmo diante da morte. E o outro propósito que também se pode observar no livro de apocalipse é que foi escrito para dar aos cristãos de todas as eras a perspectiva divina do conflito entre os cristãos e as forças conjuntas de satanás, revelando o desfecho da história. O livro de apocalipse revela principalmente os eventos dos últimos sete anos antes da segunda vinda de Jesus Cristo, quando, então, Deus intervirá neste mundo e vindicará seus santos destruindo o reino de satanás (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p.1978).

O estudo citado acima descreveu o panorama geral do livro de João. No decorrer da leitura do mesmo, nos deparamos com conteúdos separados por capítulos e subtítulos. João escreveu como serão os últimos dias dos salvos na terra, relatou sobre os últimos dias de

⁶ Bíblia usada nas Igrejas Católicas, principalmente em seminários. Contém estudos sobre os escritores dos livros e as passagens bíblicas.

⁷O próprio Isaac Newton cientista inglês, químico, mecânico, matemático e físico. Escreveu um livro sobre estudos que fez, relacionando o livro de Daniel e do apocalipse. Newton sempre esteve envolvido em questões filosóficas, religiosas e teológicas. (As profecias do Apocalipse e o livre de Daniel: as raízes do Código da Bíblia/ observações feitas por Sir Isaac Newton; tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco.- São Paulo: Pensamento, 2008.)



preparação, que é explicitado no decorrer dos capítulos, sobre o Arrebatamento, a tribulação, a grande tribulação, o Anticristo, o glorioso aparecimento de Cristo no céu para julgar e guerrear, o Milênio, o Juízo Final e, por fim, sobre o novo céu e uma nova terra.

Considerando o contexto histórico da época, onde a perseguição aos cristãos foi intensa, a principal intenção do Apocalipse de João foi incentivar os seguidores de Cristo a se manterem fiéis, mesmo diante da face da morte: “[...] Era chegada à hora de algo que desse ânimo aos cristãos, preferentemente àqueles que habitavam na Ásia Menor, para fazê-los mais corajosos diante das pressões econômicas e jurídicas de Roma[...]” (MELNIKOV, 2010, p.127). Neste mundo terreno, todo sofrimento terá um fim e a recompensa será uma vida eterna. João citou exemplos também sobre as consequências para quem não conseguir alcançar a salvação. Nesse caso a melhor opção seria que os cristãos permanecessem fiéis e que não negassem sua fé, pois haveria algo melhor para cada um que obtivesse a salvação. Ou seja, o Paraíso Celeste.

Muitos dos primeiros cristãos não negaram a sua fé, e é importante atentarmos para o fato de que, muitas foram às perseguições religiosas que marcaram a história do início do Cristianismo. Diante de tantas mortes e perseguições, os seguidores de Cristo defenderam sua crença, e muitos aceitaram morrer em nome de sua fé, pois alcançar o paraíso era fundamentalmente o que mais desejavam em vida. Para concluir essa parte, a criação da Igreja, como instituição, contribuiu para adentrar ainda mais na alma dos cristãos, a convicção da Salvação e dos caminhos que deveriam ser percorridos para chegar nela: “Assim se realizam, no correr do século IV, a transformação de um deus rejeitado em um Deus oficial” (LE GOFF, 2013, p.19).

2. A Sociedade medieval

A Igreja tornou-se durante a Idade Média a única detentora do conhecimento, assim, por meio do seu grande poder social e político, passou a reger a vida das pessoas, que muitas vezes eram pobres e camponeses que viviam na miséria, analfabetos, entre outros. Essa questão da leitura dos versículos sagrados é essencial, pois, a Igreja traduziu a Bíblia para o latim, e somente um seleto grupo eclesiástico detinha o conhecimento de ler e ter acesso ao



seu conteúdo: “Os camponeses da Idade Média não escrevem. Só aparecem indiretamente, em nossas fontes, pelo que dizem os clérigos. Ora, mais de 80% da Europa medieval é camponesa” (Ibidem, 2008, p.49).

O livro de Apocalipse, como já discutido anteriormente, apresentou um novo céu, uma nova terra, onde tudo se renovaria. Diante disso, ter a promessa e a certeza de uma vida futura em um Paraíso, criou uma mentalidade social no qual, não importava o sofrimento na Terra, pois, a conquista do Céu estaria garantida. Alcançar o paraíso foi desejado por muitos, a morte pouco importava (no sentido físico de não existir neste mundo terreno), e o que realmente importava era ter um lugar de descanso, sem dor, sem sofrimento, sem os males terrestres. A Igreja encarregou-se de ensinar o caminho para o Paraíso: “Numa palavra, monopolizando a comunicação com Deus, o clero tornava-se o responsável por todos os homens. Sem Ele não haveria salvação” (FRANCO JUNIOR, 1991, p. 22).

A Igreja passou a ter um caráter fundamental na vida das pessoas. Como analisado por Hilário Franco Junior ela controlou as manifestações mais íntimas da vida dos indivíduos, as artes, as festas, o pensamento, ou seja, praticamente a vida e a morte na sociedade medieval (FRANCO JUNIOR, 2006). Tudo que as pessoas faziam deveria estar de acordo com o que a Igreja ensinava: “O controle eclesiástico sobre os valores culturais e mentais era exercido através de vários canais” (Ibidem, 1991, p. 58). Nesse período, a fé cristã estava no seu auge: “O cristianismo nesse tempo encontrará sua perfeição primeira” (LE GOFF, 2008, p.58).

Sobre essa temática, Maria do Carmo Faustino Borges afirmou:

O cristianismo ainda em fase de sedimentação na alta Idade Média, norteou novos rumos à Europa Ocidental e a cultura de toda sociedade medieval. A Igreja ajudou a unificar as estruturas sociais, permeada por representações ideológicas e simbólicas, oriunda da leitura de mundo. Esta sociedade, marcada pela contemplação da ‘vida eterna’, reprimia os anseios e os impulsos de ação do homem (BORGES, 2013. p.43).

Os cristãos eram dependentes da Igreja, tudo que a mesma dizia era o certo e ensinava o que deveria ser feito, temos o exemplo bem conhecido da usura onde o lucro era visto como pecado, entre outras peculiaridades históricas já trabalhadas em diversas pesquisas históricas: “A Igreja Medieval, marcada pelo ascetismo dos monges, que leu nas Escrituras a condenação do empréstimo a juros, ensinava a desprezar o dinheiro” (LE GOFF, 2008, p.97).



As pessoas da sociedade medieval tinham em suas mentalidades a ideia de que estavam rodeadas de demônios e que precisavam combatê-los, e assim, evitar o mal para conquistar a vida eterna. A Igreja teve um papel essencial nesse combate entre o bom e o mal, o desejado Céu e o odiado Inferno:

[...] A presença do demônio na vida cotidiana era para o homem da época uma realidade palpável. Combater aquela presença era, portanto uma necessidade. Mais ainda, um grande teste que o homem era submetido e cujo resultado definia o destino de sua vida eterna. (FRANCO JUNIOR, 1991, p. 27).

O sobrenatural fazia parte da vida das pessoas naquele momento histórico, no qual a crença em Deus e a busca pelo Paraíso sobrepuseram-se à razão em todos os aspectos da vida humana: “A razão passava a ser vista como um instrumento diabólico, que mantinha o homem na ilusão de uma falsa sabedoria que o afastava da verdade” (Ibidem, p.26). A necessidade de conseguir alcançar o Paraíso contribuiu para a Igreja criar meios para recuperar a dignidade humana, meios onde os pecados tinham seu perdão, e assim, as pessoas tinham uma segunda chance de serem salvas. A dependência diante da Igreja crescia, e mesma criou conceitos religiosos para manter esse domínio, como foi o caso do Purgatório, um terceiro lugar criado, intermediário entre o céu e o inferno:⁸

A peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o inferno. A Igreja Católica para incitar os fiéis a trabalhar por sua salvação, apresenta-lhes mais o medo do Inferno do que o desejo do Paraíso. Diante da morte, eles temiam menos a própria morte do que o Inferno. Assim se instala, apesar de algumas nuances, um cristianismo do medo. Essas práticas mostram como a Igreja Medieval utiliza o Além para assentar sua dominação sobre o cristão e justificar a ordem do mundo pela qual ela vela (LE GOFF E SCHMITT, 2006, p. 30).

Como observamos na citação acima, as pessoas desejavam o Paraíso, o lugar de descanso, mas odiavam o Inferno, e a Igreja ajudou a propagar ainda mais esse medo de ir para o lugar de tormento. Torna-se interessante ressaltar que as pessoas não tinham medo de morrer, o temor era de ir para um lugar indesejado depois da morte.

⁸Lembrando que com passar do tempo e com a Reforma Protestante o purgatório não é aceito, como nos mostra Le Goff e Schmitt: “A Reforma, a começar por Lutero recusou o Purgatório, não atestado na Bíblia, considerada fonte de vergonhas manipulação e exploração por parte da Igreja” (LE GOFF E SCHMITT, 2006, p.33).



Os primeiros impactos do livro de Apocalipse foram marcantes. Aprofundou a pregação escatológica com a riqueza de detalhes que continha, pois sem a crença de uma vida depois da morte e sem a preocupação do local onde a alma humana iria (Paraíso ou Inferno), a Igreja não teria o poder que teve. Um cristianismo que pregou a salvação na Idade Média foi marcado pelo medo do Inferno.

Pelo poder que conquistou, encontramos na história da Igreja uma fase em que os membros que não obedeciam eram tirados do meio dela, a famosa excomunhão.

Todo o caminho percorrido neste artigo, nos mostra até que ponto chegou o poder da Igreja Católica Apostólica Romana, da Igreja nascente que sofreu perseguição, para a Igreja detentora de poder que logo mais passaria a perseguir.

Considerações finais

A Igreja nascente sofreu grande perseguição religiosa. Muitos foram os escritos bíblicos que incentivaram os primeiros cristãos a permanecer firmes em sua fé, mesmo diante da morte iminente. O futuro era alcançar o Paraíso, assim, os indivíduos não esperavam nada além que a salvação de suas almas e o fim da história seria um advento do reino de Deus, o presente era uma expectativa do fim.

Durante a Idade Média, quando o Deus perseguido passou a ser o Deus oficial do Estado Romano, essa crença no fim do mundo espalhou-se, principalmente para manter o poder da Igreja que era a única mediadora entre o Criador e seus filhos.

É de conhecimento que até hoje o livro Apocalipse de João é usado em diferentes igrejas por todo mundo. Depois da Reforma Protestante e com a tradução da Bíblia, todos passaram a ter acesso ao livro. Existem atualmente várias religiões e crenças por todo mundo que defendem que o mundo terá seu fim, e o que objetivamos apresentar aqui, é que de acordo com a crença cristã baseado no livro de Apocalipse, não existe data marcada e nem hora para o fim do mundo acontecer. Ao analisarmos a parte A do penúltimo versículo do último capítulo do livro, veremos claramente essa afirmação: “Aquele que testifica estas coisas diz: certamente cedo venho.” (Apocalipse, 22: 20 parte a).



Existe toda uma sequência, que segundo o livro de Apocalipse, acontecerá quando Jesus vier buscar seu povo. Depois do advento de Cristo e de acontecido todos os fatos que o livro narrou, o mundo terá seu fim. Ou seja, o mundo não ira acabar de um dia para o outro, o que acontecerá, de repente, será a vinda de Jesus e assim ele levará consigo os seus filhos (os cristãos) para o céu. Cabe lembrar que quem morreu com Cristo já estará com Jesus quando o mesmo vier buscar os cristãos que estão vivos na terra, este evento é conhecido como o Arrebatamento.

O Apocalipse é um livro escatológico, cheio de simbolismo e misticismo. Causa medo em alguns, curiosidade em outros, muito se fala do Anticristo, fim do mundo e do grande Apocalipse como destruição total da raça humana na terra. Sua repercussão é percebida nos dias atuais, como observado anteriormente, a mentalidade é lenta e até hoje temos esses resquícios do pensamento medieval em parte da nossa sociedade. Vemos que existem datas indicadas para a consumação dos séculos, criando expectativas no imaginário das pessoas sobre a questão do fim de tudo. É importante frisar novamente, que segundo o livro de Apocalipse, não existe uma data marcada ou horário para o fim do mundo. Existem apenas sinais que antecederão a vinda do Messias. Acreditar ou não no livro de Apocalipse é uma questão de fé, e segundo a tradição cristã, é uma questão de analisar os sinais que serão chamados de fim!

FONTES

BIBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Editora Cpad. Rio de Janeiro, 1995.

BIBLIA DE JERUSALEM. Editora Paulus. 7ª ed. São Paulo, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apocalipse. IN: Bíblia de estudo pentecostal. Editora Cpad. Rio de Janeiro, 1995.



BORGES, Maria do Carmo Faustino. *O Maravilhoso Cristão em A Canção de Rolando*. In: Educação, Cultura e religiosidade na Antiguidade e Medievo: Textos/ Terezinha Oliveira (Organizadora). - Maringá: Eduem, 2013.

FRANCO JUNIOR, Hilário . *A Idade média nascimento do ocidente*. Editora brasiliense. 3ª ed. São Paulo, 2006

_____. *O Feudalismo*. Editora brasiliense. 10ª ed. São Paulo, 1991.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Com colaboração de Jean Maurice de Montremy; tradução de Marcos de castro- 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *O Deus da Idade Média* / Jacques Le Goff; conversas com Jean- Luc Pouthier; tradução de Marcos de Castro. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente medieval*. Coordenador da tradução Hilário Franco Junior. – Bauru, SP: Edusc, 2006.

MELNIKOV, Petr. *Eu, João, o discípulo predileto: quem foi São João e o que é Apocalipse*. Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2010.